

---

# **Vozes femininas na novíssima narrativa brasileira**

*Regina Dalcastagnè*

Professora de Literatura Brasileira / UnB

---

Num ensaio clássico, escrito em 1929, a romancista inglesa Virginia Woolf afirmava que, para fazer literatura, a mulher antes “precisa ter dinheiro e um teto todo seu”<sup>1</sup>. Ela buscava sinalizar a conexão entre o trabalho artístico e as condições sociais e materiais – cidadãs de segunda categoria, limitadas aos afazeres domésticos, dificilmente possuiriam competência ou respeitabilidade para ingressar no campo literário. Mais de 70 anos depois, a situação das mulheres mudou (embora talvez não tanto quanto Woolf, ou nós, gostaríamos). As novas escritoras, e elas são muitas, ainda lutam por um teto seu. Mas se debatem também com os problemas do escrever ficção no feminino: como ser universal sem ignorar as diferenças nas experiências de gênero, como se relacionar com tradições literárias que foram, quase por inteiro, estabelecidas por autores do sexo masculino?

No Brasil, hoje, é possível acompanhar o surgimento de uma nova geração de escritoras. Mulheres, em geral na faixa dos trinta, que estrearam em livro nos últimos anos e que tentam, cada uma a seu modo, dar sua resposta, ou ao menos acrescentar outras perguntas, a esses dilemas. Não é tarefa fácil, mas tampouco se espera alguma solução rápida. O que quer que venha a constituir a “escrita feminina” será algo conquistado ao longo do próprio processo de busca. Por isso mesmo, as obras dessas jovens autoras merecem um olhar mais atento de quem

passa correndo pelas estantes de lançamentos das livrarias.

Há as que investem numa vertente mais convencionalmente ligada às mulheres: a de um intimismo que procura desvelar os espaços miúdos da existência. Aqueles sentimentos para os quais não se tem nome, nem razões, mas que invadem uma tarde nublada ou a noite vazia. É o caso de Pólita Gonçalves, 36 anos, com os contos de *Pérolas no decote*, seu primeiro livro. São narrativas curtas, com personagens sem contornos, mas que adquirem alguma substância a partir da concretude de seu medo do abandono, da solidão. As linhas sucintas e sóbrias de Gonçalves remetem o leitor para além do texto, todo ele perpassado por uma dorzinha fina, que se comunica com a nossa em sua inexplicabilidade.

As histórias de *Pérolas no decote* não se estendem por mais de três ou quatro páginas. A rigor, muitas vezes não são nem histórias – são *flashes*, situações, ambientes. E essa é a principal deficiência da escritora. Em que pese seu domínio na construção de estados de alma e a habilidade no manejo da palavra, o leitor fica sentindo falta de tramas mais sólidas. Como Pólita Gonçalves é roteirista, imagina-se que esteja experimentando outros recursos neste livro. O que faz aumentar a expectativa para suas próximas obras.

### **Tensão**

É outra a proposta de Cláudia Lage, 30 anos presumíveis, que também estreou com um volume de contos, *A pequena morte e outras naturezas*. No lugar da delicadeza e da atenção às minúcias, ela opta por arrojo e tensão. Suas narrativas são longas – algumas dão a impressão de se estenderem demais – e delas não se pode dizer que estejam ausentes as tramas. Nos seus melhores momentos, a autora consegue capturar o leitor e mantê-lo alerta para os desdobramentos inusitados das histórias, como no conto em que uma velha senhora prepara cuidadosamente suas últimas horas de vida, ou no da jovem que viaja sozinha, conhecendo

---

gente e tentando não se envolver demais com aqueles que cruzam seu caminho. Em outros, porém, o inusitado perde sentido e nem mesmo o estilo depurado de Lage segura a trama.

Também Heloisa Seixas – que, aos 48 anos, pertence a uma geração anterior à das outras autoras, mas só estreou em livro em 1995 – optou pelo universo do mistério, aqui combinado com um certo erotismo. Seu primeiro livro, *Pente de Vênus*, relançado depois com sete novos contos, é impregnado de velhas histórias de terror, com direito a clichês do tipo cemitério à noite e invasões de baratas. Mesclado a isso, o cotidiano de mulheres assustadas ou cheias de ódio. Apesar de muitíssimo bem recebido pela crítica, merecendo o aval de escritores como Carlos Heitor Cony e Ignácio de Loyola Brandão, o volume não traz nada de muito original e resvala vez ou outra para o mau gosto, como na cena dos dois cadáveres se amando sob as moscas ou o conto onde uma espécie de estuprador bem recebido pela vítima lhe deixa seu resultado, positivo, do exame de Aids. Seixas publicou depois dois romances, *A porta* e *Diário de Perséfone*, ambos sem muita repercussão.

No extremo oposto estão os contos de Stella Florence, 33 anos, autora de *Por que os homens não cortam as unhas dos pés?* e *Hoje acordei gorda*. Em vez do inusitado e do misterioso, situações bem plantadas no cotidiano. E, longe das delicadezas de estilo de Pólita Gonçalves, uma prosa pedestre, que tem mais parentesco com as crônicas de jornal e as reportagens das revistas femininas. Suas histórias adotam um tom auto-irônico na abordagem de um tema único: relacionamentos amorosos (ou a busca por eles). Quase todas se dirigem a um público exclusivamente feminino e apresentam uma “moral” óbvia, do tipo “valorize a si mesma”, “não se deixe manipular por um cafajeste”, para ser depreendida de suas metáforas e alegorias. Em suma, é uma espécie de literatura de auto-ajuda travestida de ficção, seguindo o filão de obras

estrangeiras como o romance *O diário de Bridget Jones*, de Helen Fielding.

## **Romances**

Entre as novas romancistas, a de maior sucesso é Patrícia Melo, 37 anos, que estreou com *Acqua Toffana*, em 1994, e desde então publicou *O matador*, *O elogio da mentira* e, agora, *Inferno*. Seu espaço é a literatura policial, gênero que possui pouca tradição no Brasil mas que, nos países de língua inglesa, conta com uma legião de autoras importantes (Agatha Christie, Patricia Highsmith, P. D. James, Ruth Rendell, Patricia Cornwell). Sem o aprofundamento psicológico ou a sensibilidade na descrição do ambiente social que fazem com que, por vezes, o policial se aproxime da chamada literatura “séria”, os livros de Melo se colocam como entretenimento ligeiro, na linha dos romances de Rubem Fonseca, de quem é discípula.

Já Fernanda Young, 30 anos, que estreou com *Vergonha dos pés* e publicou outros três livros depois, trafega pelo universo da literatura pop. Seu último romance, *As pessoas dos livros*, traz a história de uma jovem autora em crise, profissional e amorosa. À sua volta, publicitários, designers, modelos e editores que passam o tempo bebendo e se drogando – um espaço de futilidades e carências, que Young ora revela de modo irônico, ora apenas descreve. O tom de contemporaneidade do livro é dado pelos palavrões, pelos trechos de música pop, pelas marcas de cigarro, computadores e jeans, além dos malabarismos com o foco narrativo, que passa de uma personagem para outra sem preparar o leitor para a mudança, gerando alguma confusão. É um romance com nicho restrito, um tanto autocentrado, sem a preocupação com a construção de uma narrativa que cativa e incorpore o leitor.

Ao contrário de *As idéias todas*, terceiro romance de Gisela Campos, 31 anos (estréia em 1991), que resgata o prazer de se

---

acompanhar uma boa história. O livro também se concentra numa mulher em crise. Em meio a uma separação conjugal, a protagonista e narradora tenta dar ordem ao caos que se tornou sua existência, revendo o passado que foi e o que poderia ter sido. Mas não fecha a perspectiva sobre si. Aos poucos vão penetrando em seu texto as outras personagens, que fazem dela a mulher que é: o ex-marido, os pais, o irmão, o cachorro da família, e, especialmente, a avó, que semeia o livro com suas histórias do tempo de Lampião – momento alto do romance. A linguagem despretensiosa e bem cuidada de Campos, junto de uma trama que cresce através de discretos acréscimos, garantem a atenção do leitor do começo ao fim da obra, ainda que a idealização das relações familiares e o final melodramático possam desagradar aos mais exigentes.

## **Corpo**

O resultado mais maduro, no entanto, foi alcançado por Daniela Beccaccia Versiani, 33 anos, em seu – até agora – único livro, o romance *A matemática da formiga*. É uma narrativa violenta e delicada, extremamente poética, que fala de dores e ausências, incluindo, em meio a uma conturbada existência feminina, a história de seus homens e das mulheres que a precederam. Por isso mesmo, muitas histórias vão brotando no texto: a do velho que não consegue pecar, a do homem que quase morre durante a guerra por causa de uma alcachofra, a da mulher estéril que esfrega com ódio os férteis musgos do banheiro, das tantas Gabrielas, Vitória, Esperanças e Eugênicas que dão vida ao livro, com seu burburinho, seus cheiros e vontades que ficaram pela metade.

Talvez seja o texto mais feminino entre os comentados aqui. Não exatamente pela sua dicção, muito própria, mas pela inquestionável presença do corpo feminino transitando por entre prateleiras de supermercado, tanques e microondas. Um corpo que dói por razões diferentes e inexplicáveis e que se debate em dúvidas que são recentes

e que não são. A protagonista, aqui, é jovem, urbana, liberada, e se vê no tanque um dia – quando a máquina-de-lavar quebra –, igual a tantas mulheres que se curvaram sobre a roupa suja. É o que desencadeia a consciência de sua própria linhagem, da experiência compartilhada e do que se perdeu pelo caminho: “O tanque é meu rio. Ouço vozes de tias velhas, entoando antigas canções que nem ao menos pude esquecer porque jamais aprendi”<sup>2</sup>. Com isso, Versiani atualiza alguns conflitos femininos, que hoje não se limitam ao surrado dilema de ter uma carreira e cuidar dos filhos (temática tão presente em autoras de gerações anteriores, como Helena Parente Cunha e Lya Luft, por exemplo).

### **Temas e ausências**

Essas são algumas das jovens autoras que estão escrevendo sobre mulheres no Brasil de hoje. É claro que o espectro não é tão amplo quanto pode parecer à primeira vista. Não há entre elas nenhuma Carolina Maria de Jesus – doméstica e favelada que se tornou conhecida nos anos 60 pelos seus diários, editados no belo *Quarto de despejo* – e, tampouco, essas escritoras se arriscam a construir personagens que fujam do universo da classe média, com o qual elas estão familiarizadas. Portanto, não dá para confundir os conflitos e constrangimentos que afligem uma camada específica e minoritária da sociedade brasileira com a representação da situação como um todo. O que não diminui a importância desse tipo de mapeamento, que acaba sendo revelador, inclusive, dos preconceitos mais arraigados contra mulheres que se mantêm entre elas próprias.

A se crer na maior parte dessas narrativas – Versiani é a principal exceção –, a grande, quase exclusiva, preocupação feminina hoje é conquistar um homem e mantê-lo bem preso ao seu lado. Obviamente algumas coisas mudaram: a mulher escolhe, desdenha, descarta parceiros, mas ainda teria o sexo masculino como centro de seu universo.

---

Das que fazem despacho em cemitérios para garantir a fidelidade do companheiro, como em Heloisa Seixas, às que se suicidam após serem abandonadas, como em Fernanda Young, passamos por dúzias de frustradas, melancólicas e até uma histérica, dessas que passam a infernizar a vida do ex-marido com telefonemas angustiados no meio da madrugada (em Gisela Campos). Toda obra literária se constrói a partir de um recorte da realidade. Por que mulheres jovens estão optando exatamente por este é uma boa pergunta.

É curioso observar, ainda, uma grande ausência entre esses textos: Clarice Lispector. Deliberadamente ou não, as novas autoras parecem evitar a proximidade com o estilo da mais canônica de nossas escritoras, que se tornou uma espécie de paradigma da “escrita feminina”, fugindo de uma influência que seria asfixiante. É mais perceptível a presença de Lygia Fagundes Telles, tanto nos temas quanto na forma, no que talvez seja o reconhecimento implícito de sua posição como a mais importante prosadora brasileira viva. Como se vê, a literatura brasileira escrita por mulheres já possui suas próprias tradições, a serem seguidas, negadas ou reinventadas.

Quando se fala de escritoras jovens, com toda uma obra ainda a ser construída, não é possível determinar quem vai “ficar”, firmar uma reputação literária, e quem vai passar fugazmente pelas letras para logo desaparecer – ainda que algumas apostas sejam feitas. Independente disso, são livros que merecem atenção, quando menos por recortarem um pouco das preocupações e do imaginário das mulheres brasileiras desta virada de século.

## Notas

<sup>1</sup> Woolf, *A room of one's own*, p. 6.

<sup>2</sup> Versiani, *A matemática da formiga*, p. 47.

## **Bibliografia**

### *Obras de jovens narradoras brasileiras*

CAMPOS, Gisela — *As idéias todas*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FLORENCE, Stella — *Por que os homens não cortam as unhas dos pés?*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

GONÇALVES, Pólita — *Pérolas no decote*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

LAGE, Claudia — *A pequena morte e outras naturezas*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MELO, Patrícia — *Inferno*. S. Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEIXAS, Heloisa — *Pente de vênus e novas histórias do amor assombrado*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VERSIANI, Daniela Beccaccia — *A matemática da formiga*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

YOUNG, Fernanda — *As pessoas dos livros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

### *Outras*

JESUS, Carolina Maria de — *Quarto de despejo*. 10<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

WOOLF, Virginia — *A room of one's own*. Reed. London: Penguin, 1945.